

Um estudo das Possibilidades Dialógicas em um jovem com Deficiência Mental no Contexto Educacional

Autores

Debora Dain z

Orientador

Ana Paula de Freitas

Apoio Financeiro

Fapic

1. Introdução

Com relação à deficiência mental, a corrente histórico-cultural assume uma visão prospectiva da deficiência, amplamente difundida por Vygotsky (1989). Em seus estudos sobre o tema o autor realiza uma severa crítica a uma visão organicista que supõe que crianças deficientes desenvolvem-se conforme as leis biológicas e que ignoram a lei do desenvolvimento social que determina o desenvolvimento de qualquer criança.

Instituições tais como, a família e a escola, são imprescindíveis para a vida do sujeitos com deficiência mental, já que estes espaços podem propiciar a socialização do sujeito possibilitando as relações interpessoais e vivências sócio-culturais, fatores estes fundamentais para o desenvolvimento humano.

Góes (2002) aborda questões sobre o desenvolvimento de sujeitos com deficiência e analisa condições educacionais oferecidas a eles. Para a autora, é através da linguagem que o deficiente mental pode entrar em contato com o mundo das pessoas, participando de modo ativo e constituindo o seu próprio mundo, ocupando um lugar neste espaço.

No estudo sobre o desenvolvimento da linguagem oral em deficientes mentais, Monteiro e Bagarollo (2004) comentam que é na interação com a família que a criança adquire a linguagem e os valores socioculturais.

Maffezoli (2004) focaliza o problema da forma infantilizada pela qual são tratados os jovens com deficiência mental, abrangendo as relações familiares e experiências escolares.

Vale ressaltar que, os estudos de Bakhtin (1995, 2003) sobre dialogismo também fundamentaram este trabalho. O autor afirma que, a constituição do sujeito pela internalização de signos exteriores, só se dá através de um processo que é fundamentalmente dialógico, pelas interações sociais que ocorrem no social. Assim, a linguagem enquanto atividade, só pode ser pensada se for compreendida nesta dimensão e considerando-se o indivíduo, enquanto sujeito que tem história, crenças, valores e ocupa um determinado lugar na sociedade em que vive.

2. Objetivos

Assim, o presente estudo analisou como são as possibilidades de diálogo que um jovem com deficiência mental encontra nos espaços da família e da escola e que fatores contribuem ou não para que a dinâmica dialógica ocorra, buscando caracterizar as interações dialógicas no contexto da família e instituição escolar.

3. Desenvolvimento

A metodologia envolveu a pesquisa qualitativa de orientação sócio-histórica. Este estudo focalizou aspectos das interações dialógicas de um jovem com deficiência mental nos contextos da família e da escola. Trata-se de An., sexo masculino, 17 anos. Possui deficiência mental em decorrência da Síndrome de Down. O sujeito utiliza a linguagem oral como principal forma de interação social.

A coleta de dados foi realizada no período de agosto a novembro de 2005. Os instrumentos para coleta de dados foram entrevistas com familiares, educadores e amigo do sujeito e observação do sujeito na instituição especializada que ele frequenta, localizada no município de Piracicaba. Participaram das entrevistas, quanto ao espaço familiar, a mãe Au., 64 anos, viúva, dona de casa, ensino fundamental incompleto e a sobrinha Fr., 15 anos, estudante.

Quanto ao espaço escolar, a psicóloga Va. e o professor Jo. responsáveis pela oficina em que An. participa, e o aluno/amigo Da., que participa da oficina com An. desde o ano 2004.

Quanto ao local das entrevistas, em relação à mãe e à sobrinha foram realizadas na Clínica-Escola de Fonoaudiologia da Unimep e, as entrevistas com a psicóloga, o professor e o aluno/amigo, ocorreram na própria instituição. Todas as entrevistas foram áudio-gravadas e tiveram como tempo de duração aproximadamente 40 a 50 minutos. Após a gravação foi realizada transcrição em ortografia regular. Em seguida, alguns trechos foram recortados e selecionados para a análise. Os recortes foram realizados, privilegiando-se trechos que se referem aos aspectos da interação dialógica entre o sujeito e seus interlocutores. Os dados estão apresentados sob a forma de turnos numerados.

4. Resultados

^o **Espaço Familiar: Recorte da Entrevista com a mãe (M Au.), realizada no dia 08/09/05.**

- **Pesquisadora:** É né? Conforme o assunto ele participa sim, ele gosta muito de brincar, tentar minha neta.
- **M Au.:** Ele inicia diálogo, começa a contar alguma coisa, relata o que faz?
- **Pesquisadora:** Ah, ele faz muito disso aí, principalmente pra mim, quando ele chega da escola ele já chega contando o que se passou lá, conta tudo.
- **M Au.:** É sobre o que ele fez na escola. E daqui (referindo-se à Clínica-Escola de Fonoaudiologia) também? Quando ele vem pra cá?
- **Pesquisadora:** Também, ah, ele conta tudo, daqui quando ele vem pra cá, ele assistiu filme, daí ele vem contando que assistiu filme.
- **M Au.:** Ele participa na conversa com a família?

É importante considerar que a depender do assunto, An. participa dos diálogos, porém, a mãe deixa claro,

no turno 28, que An. participa do diálogo brincando, como se ele não fosse capaz de participar com seriedade ou participar de assuntos "sérios" e complexos. Demonstra não acreditar na capacidade discursiva que An. apresenta, desconsiderando-o como interlocutor. A mãe tem um olhar infantilizado sobre An., não considerando que o sujeito possa participar ativamente dos diálogos na família. A mãe deixa claro que há assuntos que não são conversados perto dele – mostra que o vê como criança e que não pode participar de assuntos de adultos. Embora os familiares digam que os consideram como interlocutores – o que se observa através dos dados, é que An. é excluído de assuntos "sérios", a família demonstra que tem uma imagem infantilizada do sujeito, que não o respeita em seus sentimentos e desejos e isso acaba interferindo nas suas capacidades expressivas, já que o diálogo entre familiares e o sujeito passa a ter um tom de brincadeira. Este dado está de acordo com Maffezoli (2004), a qual relata que a família permite que criemos diferentes formas de significação tanto dentro de sua própria dinâmica de convivência, quanto de outras esferas sociais. Pois é nos espaços interlocutivos e discursivos que se dá a constituição do sujeito. A mãe também relata, conforme se nota nos turnos 30 e 32, que An. possui iniciativa dialógica, contando sobre outros espaços sociais que frequenta, como a escola e a clínica de fonoaudiologia. Visto isso, de acordo com Monteiro e Bagarollo (2004) é através das relações sociais estabelecidas que o sujeito vai adquirindo novos conhecimentos e construindo bases para agir sobre o mundo. Deste modo, este aspecto contribui para a capacidade dialógica do sujeito, ampliando seu leque de relações comunicativas.

-

• Espaço Escolar:

Recorte da entrevista realizada com o professor (P.Jo.) responsável pela oficina que An. participa na Instituição para pessoas com deficiência mental, localizada na cidade de Piracicaba, no dia 28/11/05.

- **Pesquisadora: Agora ele tem uma linguagem mais definida, mais organização dele, que antes ele não tinha, ele desenvolveu.**
- **P Jo.: E ele participa bastante, ele fala bastante?**
- **Pesquisadora: Fala, ele fala que até hoje em dia você precisa corrigir bastante ele, que ele quer falar mesmo, quer soltar, então tem estar sempre chamando atenção dele " *An. pare de falar um pouquinho*".**
- **P Jo.: Como que é a linguagem dele agora, ele conversa?**

Com relação à participação do diálogo, o professor, nos turnos 20 e 22 acredita no desenvolvimento do sujeito, pois relata que a linguagem de An. melhorou, tem mais organização, participa mais do diálogo, pois ele dá sua opinião sobre as questões discutidas no grupo da oficina em que participa, algo que antes era difícil acontecer. Maffezoli (2004) afirma que, o mundo social, e o outro são os parâmetros para o ajuste constante da identidade, da formação do eu, do comportamento do indivíduo e do seu desenvolvimento. Porém, no turno 22, o professor quando explicita "*An. pare de falar um pouquinho*", nos deixa claro que não abre muito espaço para que os alunos possam estabelecer diálogo, cumprindo um papel arbitrário. Essa postura do profissional interfere nas possibilidades do sujeito com deficiência mental, já que, o educador deixa de ocupar um papel de mediador e passa a ter uma postura enérgica, a qual impede a relação e a interação com os sujeitos, como se somente as ordens e os dizeres do educador fossem importantes no espaço escolar, não proporcionando espaços dialógicos.

5. Considerações Finais

Através dos resultados e discussões realizadas pode-se observar que o sujeito demonstrou ter capacidade de diálogo, os dados mostram que ele apresenta iniciativa dialógica, tem sentimentos, que quando é dada a oportunidade para o sujeito entrar na dinâmica dialógica ele se apresenta e tem o que dizer, contudo, ainda a concepção que familiares tem desses sujeitos nem sempre possibilita um desenvolvimento das possibilidades de diálogo e interação social. Muitas famílias de sujeitos com deficiência mental tem um olhar infantilizado do diálogo desses sujeitos, os vêem como incapazes de ter opiniões sobre assuntos sérios e aceitação na participação do diálogo. Deste modo, sujeitos com deficiência mental ainda são vistos como dependentes da fala do outro para se comunicar.

Em relação ao espaço educacional, conclui-se que este ainda é marcado como um lugar de poder, não como espaço de constituição de conhecimento. É necessário que a escola saiba que tem indivíduos com uma história de vida que fazem parte desta instituição.

Conclui-se que este estudo contribuiu para a reflexão sobre a inclusão social de sujeitos com deficiência mental e, aponta para o fato de que se faz necessário projetos que tenham por objetivos os trabalhos com formação de educadores, bem como com a sociedade, no sentido de compreender a deficiência mental, não pelo aspecto da insuficiência, mas pela diferença e pelas possibilidades de desenvolvimento.

Referências Bibliográficas

BAKHTIN, M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo, Editora Hucitec, 1995.

BAKHVIN, M. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo, Martins Fontes Editora Ltda, 2003.

GÓES, M. C. R. de. Relações entre desenvolvimento humano, deficiência e educação: contribuições da abordagem histórico-cultural. In: **OLIVEIRA, M. K.; SOUZA, D. T. R.; REGO, T. C. (org.). Psicologia, Educação e as temáticas da vida contemporânea**. São Paulo: Moderna, 2002, p. 95 – 114.

MAFFEZOLI, R.R. "**Olha, eu já cresci**": **A infantilização de jovens e adultos com deficiência mental**. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Ciências Humanas - Universidade Metodista de Piracicaba. Piracicaba, 2004.

MONTEIRO, M.I.B; BAGAROLLO, M.F. Os irmãos e o desenvolvimento da linguagem de sujeitos deficientes mentais. **Revista Distúrbios da Comunicação**. São Paulo, v.16, n.2, 2004.

VYGOTSKY, L. S. **Fundamentos da Defectologia**. Obras Completas. Tomo 5. Playa, Ciudad de La Habana: Editorial Pueblo y Educación, 1989.